



## Review/Recensão

**ANDRADE, Amélia Aguiar; SILVA, Gonçalo Melo da (ed.) – *As Religiões na Europa Medieval Urbana / Religions in Medieval Urban Europe*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH) / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2024, 458 pp.**

***João Luís Inglês Fontes***

Departamento de História  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa  
Instituto de Estudos Medievais  
1069-061 Lisboa / Portugal

joaofontes@fcs.unl.pt  
<https://orcid.org/0000-0002-7122-4357>

Data recepção do artigo / Received for publication: 22 de Dezembro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.34619/usrn-oave>



A obra *Religiões na Europa Medieval Urbana* reúne um conjunto de 22 textos apresentados às VIII Jornadas Internacionais da Idade Média e na Escola de Outono celebrados em 2023, em Castelo de Vide, entre os dias 3 e 8 de outubro, numa organização conjunta da Câmara Municipal de Castelo de Vide e do Instituto de Estudos Medievais (IEM – NOVA FCSH)<sup>1</sup>. Sob a coordenação de Amélia Aguiar Andrade e Gonçalo Melo da Silva, o livro assume, desde logo, uma perspetiva renovada do religioso, que, arredado definitivamente do espartilho institucional ou confessional ou mesmo do confinamento ao quadro do cristianismo dominante, se pode assim apresentar como possibilidade ou perspetiva fecunda de observação e leitura das diferentes realidades históricas<sup>2</sup>.

Os textos encontram-se organizados em quatro secções, abarcando a relação do religioso com o poder ou os poderes, as formas de enquadramento e vivência religiosa, as dinâmicas económicas e sociais e as suas traduções materiais e impacto sobre o espaço urbano.

A primeira secção, intitulada pelos editores “As intervenções dos poderes nas vivências religiosas: estratégias, reformas e conflitos”, abre, desde logo, com uma estimulante análise, a partir da cidade de Córdoba e de quatro casos concretos, sobre a dissidência e a contestação nas cidades de al-Andalus. Maribel Fierro mostra, com mestria, como, a partir de indícios nem sempre fáceis de entender ou enquadrar, o universo político e religioso de al-Andalus, entre os séculos XI e XIII, deixa transparecer, por detrás de uma imagem oficial de inquestionável ortodoxia, um surpreendente pluralismo, que associa, na maioria dos casos, elementos da elite intelectual e letrada, envolvida nos estudos corânicos da Tradição do Profeta e do Direito, com um manifesto interesse pelo ascetismo, a piedade devocional e o

---

<sup>1</sup> Disponível em acesso aberto em <http://hdl.handle.net/10362/188739>. Uma primeira versão deste texto foi apresentada a 3 de Outubro de 2024, no âmbito da 9ª edição das Jornadas Internacionais da Idade Média.

<sup>2</sup> Sobre a evolução do conceito de História Religiosa, cf. DURAND, Jean-Dominique – “Le parcours de l’Histoire religieuse dans l’évolution culturelle européenne”. *Lusitania Sacra*, 2ª série, 21 (2009), pp. 39-61.

misticismo. Porque potenciadores de experiências religiosas que iam além do regulamentado pela lei e com figuras carismáticas que se destacavam pela palavra, pregada ou escrita, e pelas suas práticas, foram por isso vistos com desconfiança e receio pelo *establishment* religioso e político, questionando a sua liderança e a tão cuidadosamente construída ortodoxia e uniformidade. A autora não deixa ainda de analisar os mecanismos de exclusão de hereges, apóstatas e inovadores, do isolamento e da segregação social às formas mais extremas de perseguição, do exílio à execução, passando pelo apagamento da sua memória e das suas obras.

Já em contexto cristão, dois outros textos abordam o modo como os núcleos urbanos reagem face aos distintos poderes que neles se cruzam. Assim, Florent Garnier analisa e reflete sobre a capacidade de produção normativa, a *potesta statuenda*, das próprias cidades e das suas autoridades, a partir dos costumes de vários núcleos urbanos da região de Agenais entre os séculos XII e XIV. Gisela Naegle coloca-nos no contexto das cidades do Sacro-Império, em particular as sujeitas ao senhorio episcopal, para analisar a conflitualidade entre os distintos poderes – eclesiástico, urbanos, do imperador – e as estratégias adotadas por uns e outros no exercício ou contestação das suas prerrogativas políticas ou religiosas, numa cronologia que se estende dos séculos medievais aos tempos de implantação da Reforma Religiosa, em meados do século XVI. Questiona, por isso, as tensões e conflitos em torno da dominação do espaço e da gestão dos problemas quotidianos, decorrentes da coexistência entre os poderes eclesiásticos e seculares, os reflexos nas cidades das mais amplas lutas entre o Papado e o Império ou as querelas ligadas à introdução da Reforma, entre a liberdade de opção religiosa e a procura pelos núcleos urbanos e os diversos poderes de uma coerência interna das suas comunidades.

Os dois últimos textos desta secção remetem para o domínio das fundações monásticas. O primeiro, da autoria de Luís Miguel Rêpas e Ana Santos Leitão, reconduz-nos ao contexto português nas primeiras décadas de Quinhentos, a propósito da figura de D. Jorge de Melo e da fundação do mosteiro cisterciense feminino de S. Bernardo de Portalegre. Movimentando-se entre a *entourage* do poderoso cardeal D. Jorge da Costa e o serviço da corte portuguesa, D. Jorge de Melo grangeia desde cedo importantes rendimentos associados a ricos mosteiros,

primeiro o de Pombeiro e depois o de Alcobaça, a título de abade comendatário de ambos os cenóbios, seguidos da ascensão à cátedra egitaniense. No paradoxo entre o sistema comendatário e os intuitos reformistas, D. Jorge de Melo retoma a fundação de casas cistercienses femininas com o mosteiro das bernardas de Portalegre, dotando-o através da sua amante, D. Helena de Mesquita, dando-lhe estatutos próprios e escolhendo-o como seu lugar de sepultura. O mosteiro converte-se em espaço e imagem do seu poder, à imitação do patrocínio régio, patente na monumentalidade do seu túmulo, na riqueza da casa e num espaço profusamente marcado pela aposição dos seus símbolos heráldicos. Uma influência perpetuada ainda pela vinculação da sua descendência ao governo da comunidade, bem patente na escolha para abadessa de uma das suas filhas, Joana de Melo, que dirige o cenóbio por mais de 50 anos.

No caso da fundação jerónima da Ilha de Santa Marinha de Don Ponce, junto a Santander, estudada por Javier Añibarro Rodríguez, esta lógica de poder parece mais arredada, apesar da iniciativa partir de um cónego da colegiada dos Corpos Santos de Santander e arcipreste da aldeia próxima da ilha que, para o efeito não poupa recursos e capacidade de influência. Mas a rápida incorporação deste mosteiro noutro mais próximo de Santander, contrariando soluções menos ortodoxas de governo e de relação entre ambas as fundações, poderá anunciar outras pressões, num tempo em que a Ordem passa gradualmente de uma lógica mais eremítica e austera para uma fase mais institucionalizada<sup>3</sup>. A resistência do fundador, que parece permanecer na ilha, é, neste caso, um sinal contrário à evolução da Ordem, aliás em breve contestada por outros sectores sob a liderança de Lope de Olmedo. Parece-nos, por isso, menos evidente a relação de causalidade

---

<sup>3</sup> Cf. REVUELTA SOMALO, Josemaría – *Los Jerónimos. Una orden religiosa nacida en Guadalajara*. Guadalajara: Institución Provincial de Cultura “Marqués de Santillana”, 1982; COUSSEMACKER, Sophie – *L’Ordre de Saint Jérôme en Espagne (1373-1516)*. Paris: Thèse de Doctorat en Histoire Médiévale, Université de Paris X – Nanterre, 1994; SÁNCHEZ HERRERO, José – “Fundación y desarrollo de la Orden de los Jeronimos, 1360-1561”. *Codex Aquilarensis. Cuadernos de Investigación de Santa María La Real* 10 (Dec. 1994), pp. 63-94; FUENTES ORTIZ, Ángel – *Los monasterios jerónimos, nuevos espáacios de memoria en la Castilla Tratámara (1373-1474). De los lenguajes de al-Andalus a la revolución del gótico final*. Madrid: Facultad de Geografía e Historia – Universidad Complutense, 2020. Tese de Doutoramento.

que o autor sugere entre o abandono da primitiva localização do mosteiro e as alterações climáticas conhecidas para os séculos finais da Idade Média.

Com a segunda secção, propõem-se distintas abordagens sobre “A vida religiosa na cidade”, em termos pastorais e de enquadramento e promoção de práticas religiosas e devocionais. Abre esta secção um estimulante texto de Damien Carraz sobre o papel desempenhado neste domínio pelas ordens militares, através das suas comendas urbanas, tendo como base o espaço italiano e do sul de França, um universo associado de forma particular às ordens do Templo e do Hospital e, em menor medida, aos Teutónicos. Fá-lo em distintas dimensões: o desenvolvimento de estruturas e redes confraternais ou de familiaridade, que vinculavam os leigos às ordens e os faziam participantes dos seus bens espirituais, e do acolhimento dos seus pedidos de sufrágio por alma, inclusive com a ereção de colegiadas e abertura de espaços cemiteriais para o acolhimento daqueles que se aí pretendiam fazer sepultar; pela promoção de determinados cultos e devoções, de custódia de lugares de peregrinação ou de apoio e participação em actos e cultos religiosos promovidos pelas autoridades municipais, incluindo determinadas festas e procissões; por último, no questionar do efectivo papel destas ordens no seu contributo para o bem comum, por via da caridade para com os mais pobres ou da promoção ou acolhimento de confrarias. Dimensões que entre nós urgem ser aprofundadas, e cuja fecundidade transparece bem no conjunto de estudos publicado em 2010 dedicado à espiritualidade das ordens militares, então homenageando a figura do Prof. José Mattoso<sup>4</sup>.

Maria Filomena Andrade propõe-nos, já para o contexto português, uma visão de conjunto sobre a implantação das ordens mendicantes neste território durante a Idade Média e, sobretudo, sobre o seu diversificado e efectivo impacto sobre os núcleos urbanos e as suas populações. Reunindo aqui o resultado de um trabalho já longo, toma como exemplos e casos de estudo as cidades de Lisboa, Coimbra, Santarém, Porto e Évora, para equacionar as circunstâncias, processos e lógicas de implantação espacial de menores e pregadores, na sua dupla vertente masculina e

---

<sup>4</sup> FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Ordens militares e religiosidade. Homenagem ao Professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela – Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, 2010.

feminina, mas também na sua articulação com outras formas de vida religiosa, sobretudo associadas à reclusão voluntária feminina ou a comunidades de beatas ou mulheres da pobre vida<sup>5</sup>.

Dois outros textos tomam como enfoque comum a prática peregrinatória associada a santuários sedeados em âmbito urbano. Assim, Anna Tiittanen recua à Roma dos séculos V e VI para inquirir, a partir do desenvolvimento do culto em torno dos corpos dos mártires cristãos, de eventuais funcionalidades terapêuticas e de cura com ele associadas. Em particular, analisa os indícios da utilização das chamadas relíquias de contacto, em particular os óleos que tocavam nos corpos santos, de algum modo recuperando e cristianizando práticas pagãs associadas aos santuários terapêuticos, como a *incubatio* e a presença de óleos ou bálsamos em rituais de cura. Estes, aliás, integravam já a liturgia cristã, tanto na unção dos doentes, como nos ritos pré-batismais associados aos exorcismos.

Andrea Fernández Garcia reporta-se ao contexto de uma outra cidade relicário, Oviedo, para estudar a relação entre peregrinação e morte, a partir de quatro aspetos específicos: a preparação eventual da morte em vésperas de peregrinação, por via da redação de testamentos, ou a consignação nessas mandas de peregrinações *post mortem* ou por delegação, em sufrágio da alma; a doença como motivo ou consequência da peregrinação, e o modo como as cidades (e Oviedo em concreto) procuraram responder ao afluxo de enfermos e peregrinos, por via da sua rede de albergarias e hospitais mas também de regulamentação urbana tendente a manter a salubridade e garantir a purificação e limpeza das ruas e outros espaços; a gestão da morte de peregrinos na cidade, as medidas legislativas relativas ao destino a dar aos seus bens e a importância dos próprios inventários então produzidos,

---

<sup>5</sup> Cf. ANDRADE, Maria Filomena; FONTES, João Luís – “Devoção e autoridade: a afirmação da religiosidade feminina em Coimbra na época medieval”. in *Autoridad, Poder e Influencia. Mujeres que hacen Historia*, vol. 2 [CD ROM]. Ed. Henar Gallego Franco y María del Carmen García Herrero. Barcelona: Icaria Editorial, 2017, pp. 571-589; ANDRADE, Maria Filomena; FONTES, João Luís; SANTOS, Maria Leonor Silva – “Frades, Monjas e Reclusas: os primórdios da presença mendicante em Santarém Medieval”. in *Clarisas y dominicas. Modelos de implantación, filiación, promoción y devoción en la Península Ibérica, Cerdeña, Nápoles y Sicilia*. Coord. Gemma-Teresa Colesanti, Blanca Garí e Núria Jornet-Benito. Firenze: Firenze University Press, «Reti Medievali E-Book, 31», 2017, pp. 383-405; ANDRADE, Maria Filomena; FONTES, João Luís – “Povoar e enquadrar. Um percurso pela geografia das formas de vida religiosa da Lisboa medieval (séculos XII-XIV)”. *Medievalista* 32 (Julho-Dezembro 2022), pp. 257-280, disponível em <https://doi.org/10.4000/medievalista.5755>.

inclusive para o conhecimento das dimensões mais materiais associadas ao exercício da peregrinação; e, por último, a questão da sua sepultura, do destino a dar aos seus corpos, sobretudo quando tal não era definido por via testamentária, com a ereção de espaços cemiteriais próprios para o efeito, vinculados a igrejas, conventos ou hospitais.

Pode-se ligar ainda a este domínio o texto de Ana Patrícia Estácio sobre as conceções corporais e espirituais segundo a alquimia. Começando por refletir como esta se liga a determinadas conceções do corpo e dos meios de contrariar a sua corrupção, entroncando e acolhendo tanto contributos cristãos como os frutos do renovado contacto, ao longo dos séculos XI a XIII, com uma profícua tradição de textos gregos, árabes e judaicos sobre a matéria, a autora propõe uma primeira incursão sobre a receção destes textos e saberes na corte portuguesa tardomedieval. Fá-lo a propósito da notícia de dois tratados sobre o assunto atribuídos a D. Afonso V, carreando também as notícias sobre obras associadas à alquimia presentes em textos e nas bibliotecas de D. Duarte e D. Afonso V, bem como no acolhimento e influência conhecidos, neste domínio, através de outros textos atribuídos a Arnaldo de Vilanova e Raimundo Lúlio.

Por último, Anna Anisimova conduz-nos ao universo das pequenas cidades da região sudeste de Inglaterra, em torno de Londres, para questionar a relação dos mosteiros com o universo paroquial urbano. Remetendo para um contexto onde a rede de mosteiros precedeu em muito, não só o gradual florescimento de núcleos urbanos como a própria definição de uma rede diocesana, e esta muito distinta da matriz urbana que lhe estava intrinsecamente associada no continente europeu, a autora parte de uma realidade de cerca de 50 cidades, todas elas sob senhorio monástico, na sua maioria ligadas a casas beneditinas (35) e só em menor grau a Agostinhos, Cistercienses e Templários. Neste contexto, o senhorio monástico sobre os núcleos urbanos traduziu-se na posse da esmagadora maioria das igrejas paroquiais, muitas vezes obtidas por doação, bem como no acolher ou assegurar, nas suas próprias igrejas, em espaços específicos para o efeito, funções paroquiais. Este facto implicou, desde logo, a posse, por parte dos mosteiros, dos rendimentos destas igrejas e do direito de apresentar o pessoal eclesiástico necessário à manutenção das funções

litúrgicas e pastorais, normalmente escolhido fora da comunidade monástica. Por outro lado, o domínio monástico destes espaços significou uma efectiva e eficaz resistência à entrada dos mendicantes nestes territórios e, em diversos casos, uma gestão destes templos arredada do controlo episcopal, graças ao privilégio de isenção da sua jurisdição outorgada a diversos mosteiros. Contudo, como acaba por reconhecer a autora, a efectiva separação entre as igrejas monásticas e as paroquiais reduzia, na maioria das vezes, o papel dos mosteiros à administração de rendimentos e bens e à provisão de vigários e reitores.

A terceira secção, com quatro artigos, explora quatro dimensões bastante distintas da relação do religioso com o universo da economia urbana. Assim, Laura López de Leiva propõe uma primeira incursão sobre o protagonismo feminino na gestão do património e doações religiosas na Cantábria tardomedieval, a partir dos testamentos, doações e outros actos conservados nos arquivos da catedral de Santander e do mosteiro jerónimo de Santa Catarina de Monte Corbán, já acima estudado na sua fundação. Embora não seja claro o total do universo documental disponível e o conjunto dos intervenientes, os dados apresentados parecem perfeitamente conformes com o que se conhece para outras regiões, atestando um protagonismo feminino na gestão patrimonial como proprietárias ou coproprietárias, com maior evidência após o ingresso em situações de viuvez<sup>6</sup>, e, ao mesmo tempo, um acentuar, ao longo do século XV, da imposição do consentimento marital quando aplicável. Atesta-se ainda a capacidade de atração dos novos movimentos monásticos, como os jerónimos, sobre estes públicos, bem como, na definição dos sufrágios associados a doações ou mandas testamentárias, a prevalência das missas e aniversários, a recorrente fundação de capelas e o desejo

---

<sup>6</sup> Vejam-se, a título de exemplo: GARCÍA FERNÁNDEZ, Miguel – “Vivir y morir en femenino en la Galicia de los siglos XIV y XV”. In PARDO DE GUEVARA Y VALDÉS, Eduardo (ed.) – *Mujeres con poder en la Galicia Medieval (ss. XIII-XV). Estudios, biografías y documentos*. Santiago de Compostela: Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2017, pp. 71-239; PAGÉS POYATOS, Andrea – *Genealogías de Mujeres: escenarios y espacios de poder femenino en la Castilla del siglo XV a través de los testamentos nobiliarios*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Historia Antigua, Historia Medieval, Paleografía y Diplomática, 2025. Tese de Doutoramento.

de aliar a celebração exemplar dos ofícios litúrgicos com o rigor de vida dos celebrantes<sup>7</sup>.

Ana Cláudia Silveira faz-nos regressar ao contexto português, problematizando, a partir do caso de Setúbal, a implicação das ordens mendicantes e, no caso específico, dos Dominicanos, na posse e gestão de bens, tanto no espaço urbano como na sua periferia. Fá-lo na recensão cuidadosa dos testemunhos alusivos à posse e gestão de bens na vila e no seu termo, sobretudo no arrabalde do Troino, por parte de importantes casas dominicanas como S. Domingos de Lisboa, Nossa Senhora da Piedade de Azeitão e Santa Maria da Vitória, na Batalha e, mais tarde, de S. João Baptista de Setúbal. As informações carreadas demonstram como os Pregadores acabaram por promover operações urbanísticas de abertura de novas ruas e de loteamento de solo para edificação de casas, contribuindo assim para a constituição ou loteamento de arrabaldes citadinos e para a organização topográfica e evolução urbana da vila medieval<sup>8</sup>.

Por sua vez, Carlos Crespo Amat, explorando os ricos acervos documentais da cidade de Valência, tenta compreender o envolvimento de mercadores portugueses, e muito particularmente os de origem judaica, no comércio entre a cidade e o reino português nos séculos finais da Idade Média, e até que ponto o elemento religioso é ou não um limitador ou impeditivo desta presença. Os dados aportados mostram uma precoce presença de mercadores portugueses de origem judaica em Valência, associada sobretudo ao comércio do pescado e integrada nos negócios e contratos liderados por mercadores cristãos. Documentados desde os anos 60 ou 70 do século XIV, a sua presença parece interromper-se na sequência do contexto adverso decorrente dos assaltos às judiarias aragonesas de 1391, para se retomar de forma mais sustentada logo no início de Quatrocentos. Integrados em navios pertencentes

<sup>7</sup> Para o seu enquadramento no âmbito das vivências religiosas dos leigos, cf. ROSA, Maria de Lurdes – “A religião no século: vivências e devoções dos leigos”. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Vol. I – *Formação e limites da Cristandade*, coord. Ana Maria C. M. Jorge y Ana Maria S. A. Rodrigues. Lisboa: Círculo de Leitores – CEHR, 2000, pp. 423-510; ROSA, Maria de Lurdes – *As Almas Herdeiras. Fundação de Capelas Fúnebres e Afirmação da Alma como Sujeito de Direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012.

<sup>8</sup> Para uma visão mais abrangente da presença das diferentes ordens em Setúbal durante a Idade Média, cf. SILVEIRA, Ana Cláudia – *Setúbal, um Pólo de Poder da Ordem Militar de Santiago no final da Idade Média*. Lisboa: NOVA FCSH, 2022. Tese de Doutoramento. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/151446>.

a padrões cristãos, estes mercadores judeus deslocam-se quase exclusivamente por mar, numa geografia que liga a região de Valência a Lisboa, mas também ao Porto, a Setúbal ou aos portos algarvios.

Por último, Mário Farelo traz-nos uma reflexão sobre as listas de conhecimentos ou dízimos pessoais, clarificando a natureza deste tributo eclesiástico e a especificidade da sua tributação, que parece obedecer a normas essencialmente fixadas pelo costume e variando de lugar para lugar. Listando as diversas listas conhecidas para o território português durante os séculos XIV e XV, equaciona precisamente as suas potencialidades e limitações, nomeadamente em termos de estudo comparativo, atendendo à sua necessidade permanente de actualização, às distintas abrangências (do espaço diocesano ao âmbito local), ao não esclarecido critério de inclusão ou exclusão de mesteres e à sua aparente dependência de costumes e usos locais.

Chegamos assim à quarta e derradeira secção, votada ao estudo da materialidade da vida religiosa e o seu impacto no espaço urbano.

Abre esta secção um estimulante texto de Maxime L'Héritier sobre a construção das catedrais nos séculos XII e XIII. Os avanços recentes na investigação sobre os aspectos materiais das construções medievais e, de modo particular, a que vem sendo conduzida desde 2019 no contexto do restauro da catedral de Notre Dame de Paris, levam o autor a equacionar e propor estas mesmas catedrais como claros lugares de experimentação e de inovação, tanto ao nível artístico como técnico, na procura das melhores soluções para corresponder à demanda permanente pelas alturas e pela luz. Em estaleiros que deveriam, em apenas algumas décadas, assegurar a construção integral, de raiz, de edifícios ou partes de edifícios, incluindo muitas vezes a desmontagem de estruturas pré-existentes e a abertura de fundações que podiam atingir dezenas de metros de profundidade, com um grande número de artesãos contratados e toda uma complexa logística e aquisição e transporte de materiais, importava também encontrar ou adaptar as técnicas de construção capazes de responder à envergadura e aos prazos relativamente curtos de tais projectos. O autor percorre, por isso, algumas destas inovações: o uso e aperfeiçoamento dos arcos botantes, a menor espessura das coberturas e alvenaria, a qualidade das pedras e argamassas ou a integração do chumbo e do ferro,

aproveitando as suas próprias propriedades mecânicas. Toda esta diversidade de recursos e a capacidade evidenciada por cada estaleiro de obras para adaptar e experimentar novas técnicas fazem de cada catedral algo de único, que importa, segundo o autor, compreender e estudar na sua especificidade.

Também na linha da importância do estudo da dimensão material e da arqueologia do edificado para a compreensão dos edifícios religiosos e da sua história nos falam os dois textos seguintes. O primeiro, da autoria de Branislav Vladimir Milićević, parte da análise do restauro setecentista da igreja do convento franciscano de Bač, hoje em território sérvio, tanto na sua materialidade como nos dados facultados pelos textos memorialísticos produzidos sobre o cenóbio e outra documentação escrita ou iconográfica, para procurar entender a configuração do edificado anterior à destruição de que foi alvo no início do século XVIII, no contexto da Guerra da Independência, bem como as suas origens e características medievais. Analisa, por isso, as opções que presidiram ao restauro, conducentes a uma recuperação do que se entendia, a partir do remanescente do edifício e das memórias da casa, ser a sua configuração primitiva, antecipadoras, neste domínio, da popularização do gosto pelo gótico que aconteceria várias décadas mais tarde. Ao mesmo tempo, refaz o caminho possível da história da igreja conventual, na qual se cruzam as vicissitudes da própria história da região, patentes na inicial influência bizantina do templo original aí edificado e a sua sucessiva entrega, já no século XII, a uma ordem religiosa associada à Terra Santa – possivelmente os Templários ou os Cónegos do Santo Sepulcro – antes de entrar na posse definitiva dos franciscanos, nos inícios do século XIV.

O outro exemplo é-nos proposto por um grupo de investigadores responsáveis pelas campanhas arqueológicas desenvolvidas no castelo de La Estrella, em Teba, Málaga, entre 1990 e 1993, incluindo, não apenas a alcáçova e a torre de menagem, mas também as estruturas, descobertas uma década antes, de uma antiga igreja dedicada a Santa Cruz, atestada documentalmente desde 1343. As sondagens feitas revelaram três fases construtivas distintas, a última das quais coincidente com a entrega do lugar, na década de 60 do século XV, ao nobre Juan Ramírez de Guzmán, atestando o espólio osteológico e arqueológico encontrado a persistência da escolha da igreja,

até aos inícios do século XVII, como lugar de enterramento por parte das elites aí residentes. Os mesmos dados permitiram ainda identificar outras estruturas mais antigas, ligadas possivelmente a uma mesquita ou algum edifício anexo à mesma, a exigirem o alargamento da área intervencionada.

O quarto texto desta secção propõe-nos uma outra perspectiva sobre a presença e a funcionalidade dos lugares sagrados no espaço urbano enquanto instâncias legitimadoras dos poderes que nele se cruzam. Fá-lo a partir da cidade de Kyiv, no período compreendido entre o baptismo do príncipe Volodomir, em 988, e com ele a adoção do Cristianismo como religião oficial, e os meados do século XI, com as sucessivas campanhas construtivas com que tanto Volodomir como o seu sucessor dotaram a cidade de magníficos templos, tanto igrejas sedeadas no espaço urbano, replicadoras das invocações já encontradas em Constantinopla - a Mãe de Deus e Santa Sofia - como outras associadas a importantes mosteiros. A este projecto construtivo associa-se a trasladação para a cidade das relíquias de S. Clemente de Roma pelo próprio Volodimir, a partir da cidade de Quersoneso, onde se dera a sua *inventio* e onde o próprio príncipe se fizera baptizar. Trazê-las para Kyiv significava assim uma clara estratégia de legitimação, tanto da nova religião e dos príncipes que a introduziram, como da cidade que se torna não só o centro político do território, mas também o centro religioso, enquanto sede do primeiro metropolitano da Rus' de Kyiv, o grego Teofilacto, nomeado pelo Patriarca de Constantinopla. Por isso, as relíquias e a igreja dita do Dízimo, dedicada à Mãe de Deus, tornam-se centro de uma peregrinação que se faz também acompanhar de um investimento ritual e litúrgico, comemorando com festa própria a chegada das relíquias à cidade.

Um outro conjunto de textos retoma, de algum modo, a questão da presença e do impacto da presença das ordens religiosas na cidade, em particular das que aliavam a vida monástica ao exercício da guerra. Assim, Luís Filipe Oliveira propõem-nos um inquérito, a partir da informação disponível, sobre as formas de presença das milícias e a sua inscrição nos tecidos urbanos durante o período medieval. Atende, desde logo, à localização das casas das comendas, na maioria dos casos edificadas no interior dos recintos muralhados, conjugando funções religiosas e assistenciais com o eventual apoio em caso de guerra ou cerco prolongado, mas também funções

económicas, inscrevendo-se nas lógicas da economia urbana, inclusive pela posse documentada de outras casas, tendas, fornos, adegas e lagares, tanto dentro como fora do perímetro muralhado. Em segundo lugar, inquires-se as estruturas edificadas, em regra ordenadas em função de uma capela ou igreja e um claustro ou pátio interior, com poucas aberturas para o exterior, para assegurar o necessário recolhimento à vida religiosa ou comunitária. Por último, afere-se o impacto desta presença, que pode ser escamoteada pela normal modéstia das comunidades de freires aí residentes, mas que se faz sentir a vários níveis, inclusive o religioso, apontando o autor, na senda do já referido texto de Damien Carraz, o seu papel na promoção de determinados cultos e na assistência pastoral, aliás patente nos conflitos que suscita em algumas cidades com o clero e os bispos locais. O mesmo se diga do seu papel no desenvolvimento das cidades e na criação de novos bairros, tanto nas urbes sob o seu senhorio como noutras onde tinham um ainda significativo conjunto patrimonial<sup>9</sup>.

Lorenzo Mercuri, por seu lado, propõe um desenvolvido estudo sobre a presença do Templo na Paris medieval, dando a conhecer o seu senhorio, os contrastes e por vezes conflitos com outros poderes urbanos, bem como a evolução histórica e arquitetónica da sua comenda, a Cerca ou Cidadela do Templo, edificada na periferia da cidade e acompanhada de uma vasta área agrícola sob o seu domínio. Conjugando as informações documentais e iconográficas com os resultados das escavações realizadas entre 2010 e 2011, o autor pode assim conduzir-nos pelos diferentes espaços que compunham a cidadela, desde a igreja, dedicada à Virgem, ao claustro e as distintas dependências organizadas em seu redor – dormitório, refeitório, cozinhas, cárcere, cavaliças... Neste périplo, o autor define com maior exactidão a própria cerca e demora-se na descrição da igreja e nas suas sucessivas ampliações mas também nas estruturas defensivas – a Torre de César e a Grande Torre – que sinalizavam a dupla vocação deste espaço e da comunidade que o habitava e geria<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Veja-se, para o caso português, além do texto de Luís Filipe Oliveira constante do livro aqui em apreço: OLIVEIRA, Luís Filipe (coord.) – *Comendas urbanas das ordens militares*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

<sup>10</sup> O assunto foi o objecto da dissertação de doutoramento do autor, entretanto publicada: MERCURI, Lorenzo - *L'Enclos du Temple. Topografia e forme di un'assenza della Parigi medievale*. Roma: s.n., 2025 (Res Aedificatoria Medii Aevi Europae, 3).

Por fim, Catarina Madureira Villamariz fecha o volume com um périplo por algumas das mais conhecidas capelas funerárias edificadas em contexto urbano português no decurso do século XIV, associadas tanto a catedrais como a igrejas paroquiais, sinalizando a importância crescente dos espaços de culto da cidade como lugares escolhidos pelas elites urbanas, leigas ou eclesiásticas, para sua sepultura e perpetuação da sua memória. A tradução material destes projectos – na tumulária, na iconografia, na presença cada vez mais frequente de jacentes mas também de elementos heráldicos – revela uma religiosidade que não se distingue, antes participa, de estratégias mais latas ao serviço dos que os patrocinam e das suas linhagens, tanto na demanda da salvação eterna como na também eterna recordação dos seus nomes e feitos.

Em suma, estamos perante um livro que, na multiplicidade de perspectivas, contextos e épocas, nos traz uma estimulante e diversificada abordagem do religioso na construção do mundo urbano medieval, assumindo também esta dimensão como constitutiva e inseparável das restantes dimensões da vida das cidades e daqueles e aquelas que as habitaram.

## Referências bibliográficas / Bibliographical references

### Estudos / Studies

ANDRADE, Maria Filomena; FONTES, João Luís – “Devoção e autoridade: a afirmação da religiosidade feminina em Coimbra na época medieval”. In GALLEGO FRANCO, Hénar; CARMEN GARCÍA, María del (eds.) – *Autoridad, Poder e Influencia. Mujeres que hacen Historia*. Vol. 2 [CD ROM]. Barcelona: Icaria Editorial, 2017, pp. 571-589.

ANDRADE, Maria Filomena; FONTES, João Luís – “Povoar e enquadrar. Um percurso pela geografia das formas de vida religiosa da Lisboa medieval (séculos XII-XIV)”. *Medievalista* 32 (Julho-Dezembro 2022), pp. 257-280, disponível em <https://doi.org/10.4000/medievalista.5755>.

ANDRADE, Maria Filomena; FONTES, João Luís; SANTOS, Maria Leonor Silva - “Frades, Monjas e Reclusas: os primórdios da presença mendicante em Santarém Medieval”. In COLESANTI, Gemma-Teresa; GARÍ, Blanca; JORNET-BENITO, Núria (eds.) – *Clarisas y dominicas. Modelos de implantación, filiación, promoción y devoción en la Península Ibérica, Cerdeña, Nápoles y Sicilia*. Florença: Firenze University Press, «Reti Medievali E-Book, 31», 2017, pp. 383-405.

COUSSEMACKER, Sophie – *L’Ordre de Saint Jérôme en Espagne (1373-1516)*. Paris: Université de Paris X – Nanterre, 1994. Tese de doutoramento.

DURAND, Jean-Dominique – “Le parcours de l’Histoire religieuse dans l’évolution culturelle européenne”. *Lusitania Sacra (2ª série)* 21 (2009), pp. 39-61.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Ordens militares e religiosidade. Homenagem ao Professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela – Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, 2010.

FUENTES ORTIZ, Ángel – *Los monasterios jerónimos, nuevos espacios de memoria en la Castilla Tratámara (1373-1474). De los lenguajes de al-Andalus a la revolución del gótico final*. Madrid: Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense, 2020. Tese de doutoramento.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Miguel – “Vivir y morir en femenino en la Galicia de los siglos XIV y XV”. In PARDO DE GUEVARA Y VALDÉS, Eduardo (ed.) – *Mujeres con poder en la Galicia Medieval (ss. XIII-XV). Estudios, biografías y documentos*. Santiago de Compostela: Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2017, pp. 71-239.

MERCURI, Lorenzo - *L'Enclos du Temple. Topografia e forme di un'assenza della Parigi medievale*. Roma: s.n., 2025 (Res Aedificatoria Medii Aevi Europae, 3).

OLIVEIRA, Luís Filipe (coord.) – *Comendas urbanas das ordens militares*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

PAGÉS POYATOS, Andrea – *Genealogías de Mujeres: escenarios y espacios de poder femenino en la Castilla del siglo XV a través de los testamentos nobiliarios*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Historia Antigua, Historia Medieval, Paleografía y Diplomática, 2025. Tese de Doutoramento.

REVUELTA SOMALO, Josemaría – *Los Jerónimos. Una orden religiosa nacida en Guadalajara*. Guadalajara: Institución Provincial de Cultura “Marqués de Santillana”, 1982.

ROSA, Maria de Lurdes – “A religião no século: vivências e devoções dos leigos”. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Vol. I. *Formação e limites da Cristandade*. Coord. Ana Maria C. M. Jorge e Ana Maria S. A. Rodrigues. Lisboa: Círculo de Leitores; CEHR, 2000, pp. 423-510.

ROSA, Maria de Lurdes – *As Almas Herdeiras. Fundação de Capelas Fúnebres e Afirmação da Alma como Sujeito de Direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012.

SÁNCHEZ HERRERO, JOSÉ – “Fundación y desarrollo de la Orden de los Jeronimos, 1360-1561”. *Codex Aquilarensis. Cuadernos de Investigación de Santa María La Real* 10 (Dezembro de 1994), pp. 63-94.

SILVEIRA, Ana Cláudia – *Setúbal, um Pólo de Poder da Ordem Militar de Santiago no final da Idade Média*. Lisboa: NOVA FCSH, 2022. Tese de Doutoramento. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/151446>.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:**

FONTES, João Luís Inglês – “ANDRADE, Amélia Aguiar; SILVA, Gonçalo Melo da (ed.) – *As Religiões na Europa Medieval Urbana / Religions in Medieval Urban Europe*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH) / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2024, 458 pp.”. *Medievalista* 39 (Janeiro – Junho 2026), pp. 211-227. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).